

**IV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO:  
EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E AÇÃO PEDAGÓGICA**  
**Submissão de resumo**

**EIXO TEMÁTICO**

6. Processos do ensino e da aprendizagem.

**CATEGORIA**

Pôster

**A APRENDIZAGEM DA DANÇA POR PORTADORES  
DE SÍNDROME DE DOWN**

PATRICIA CRISTINA MACHADO DA SILVA

PATRICK ZAWADZKI

Curso de Educação Física, UNOESC, Chapecó, Santa Catarina, Brasil.

Agência Financiadora: não contou com financiamento.

**RESUMO**

A dança ajuda aos portadores de síndrome de Down a explorar habilidades físicas, na reorganização psicomotora e social, e favorece o equilíbrio e coordenação necessários nas atividades da vida diária. O objetivo foi avaliar a quantidade de repetições e reforço necessários para a aprendizagem de uma sequência coreográfica por três portadores de **Síndrome de Down** em uma única sessão. Foram utilizados como instrumentos uma sequência coreográfica de quatro passos, uma **música** conhecida pelos participantes, uma filmadora para o registro das sessões e uma sala de dança livre de distrações. Foi adotada a metodologia observacional para o registro e análise das categorias, com sentido descritivo exploratório, atendendo a um formato de estudo de casos. Os resultados mostram que todos foram capazes de aprender, entretanto, houveram diferenças claras na maneira como ocorreu o processo em cada participante. Foi realizada uma média de 185 repetições por sessão. A porcentagem de acertos e erros total foi, para o Participante 1 de 33% acertos e 67% de erros, para o Participante 2 foi 37% e 63% respectivamente, e para o Participante 3 de 96% e 4%. Em todas as repetições com todos os participantes foram utilizados reforços do tipo de correção técnica e motivacional. Os resultados indicam que quanto mais repetições ocorriam maior era a aprendizagem. Também que os movimentos que exigiam lateralidade foram a principal dificuldade dos participantes. Estas evidências levantam discussões importantes sobre o processo de aprendizagem para toda a população de portadores de Síndrome de Down.

**Palavras-Chaves:** Síndrome de Down, Dança, Prática, Reforçadores, Repetição.

**INTRODUÇÃO**

A Síndrome de Down é considerada a forma mais frequente de deficiência mental, se

caracteriza por uma anormalidade cromossômica, a “trisomia do 21” (SOUZA *et al.*, 2012; THOMPSON, 1993). Diversas características são observadas durante a formação física, entretanto, ressaltam-se as alterações biológicas associadas à alteração do tamanho do cérebro, que ocasiona diferenças nos padrões cognitivos, como a mudança da atenção e a de comportamento. Fatores estes que por si demandam diferentes tipos de estimulação nas distintas etapas educacionais.

Entretanto, Souza (2012) enfatiza que a criança com Síndrome de Down, apresenta comportamentos semelhantes às das outras crianças da mesma faixa etária, inclusive infere que sua vida emocional é tão rica como de qualquer outra pessoa. Já a respeito do desenvolvimento cognitivo, Oliveira *et al.* (2012) aponta que segue o mesmo percurso daqueles indivíduos normais, não obstante, ocorrem em uma configuração mais lenta. E Voivodic *et al.* (2002) acrescenta que os transtornos de aprendizagem surgem por este motivo. E por esta razão, o estímulo da família e dos professores faz com que as crianças consigam, já na sua adolescência, a aprender a interagir com as demais pessoas, sem medo de qualquer tipo de discriminação.

Por outro lado, Kowalski *et al.* (2004) descreve que os portadores de Síndrome de Down têm seus movimentos desajeitados, apresentando dificuldades de integração de movimentos, de memória motora, e ainda, em executar corretamente uma sequência motora. A prática supervisionada de exercícios físicos atua como importante ferramenta neste desenvolvimento. E uma das áreas que trabalha movimentos expressivos no desenvolvimento pessoal é a dança. Beltrame *et al.* (2003) apontam que o interesse que ela manifesta através do movimento é o que faz passar de uma posição para outra. Aprender, através da dança, que o corpo se expressa, fazendo que as emoções e desejos sejam desenvolvidos através do mesmo. A dança faz que o “eu” seja esquecido seja trabalhado com o “nós”, dando importância e valor para o trabalho em grupo. O que reforça a segurança em si através do reconhecimento dos próprios movimentos, e consequentemente, o nível de qualidade de vida.

O presente projeto objetivou em avaliar a quantidade de repetições e de reforço necessárias para a aprendizagem de uma sequência coreográfica por indivíduos com Síndrome de Down em uma única sessão de aula. Entendendo o ato de repetir como um facilitador da associação entre os elementos que produzem a aprendizagem, tal como afirma Roca (2006), quando explica a prática como um fator de campo na associação psicológica. Por esta razão, parte-se da hipótese de que será possível que os participantes aprendam essa sequência corretamente dentro do limite de tempo disponível.

## **MÉTODO**

A pesquisa adotou uma característica descritiva exploratória, através da metodologia observacional para o registro e análise das categorias, onde foi assumido o formato de estudo de casos.

Participaram do estudo três indivíduos com Síndrome de Down (cidQ90), e Deficiência mental Leve (F70). O Participante 1, com 29 anos, pratica dança há cinco anos, a Participante 2, com 25 anos, pratica dança há oito anos e a Participante 3, com 14 anos, pratica dança há

seis meses, não foi relatado mais casos na família, o que conseqüentemente poderia apresentar resultados diferenciados. Todos participantes eram alunos ativos da Clínica de Atendimento Especializado – Clínica de Reabilitação Patrick (CAPP-SUS), situada em Chapecó, SC.

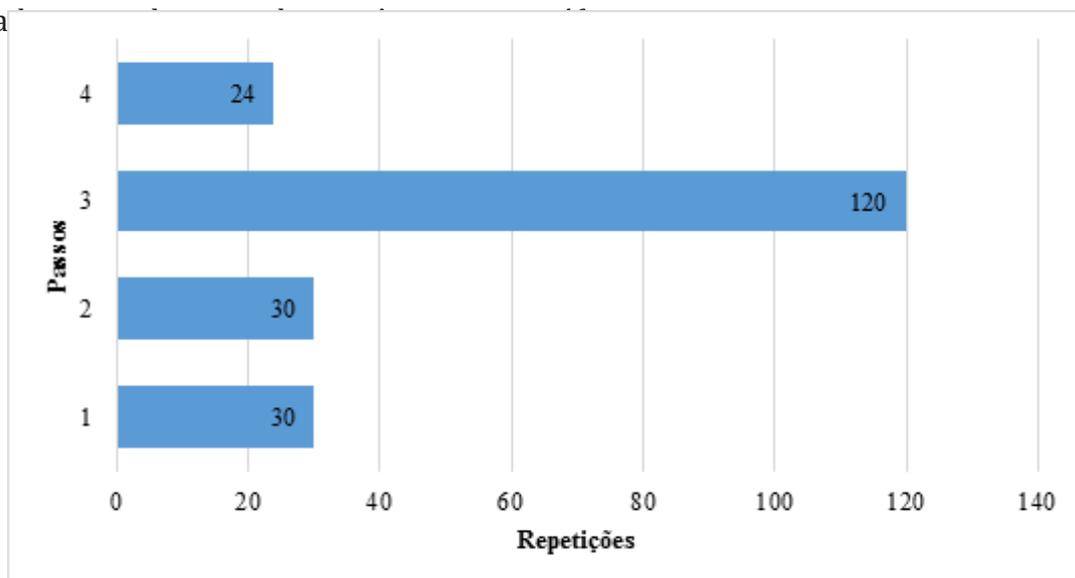
Foram utilizados como instrumentos uma seqüência coreográfica de quatro passos, uma **música** conhecida pelos participantes, uma filmadora para o registro das sessões e uma sala de dança livre de distrações, em uma sessão individual de aproximadamente 40 minutos.

O processo de ensino consistiu em demonstrar, imitar e repetir os movimentos da professora, com ela como reforçador, e em condições sem e com música. Foi elaborada uma coreografia adaptada para o nível dos praticantes. Toda aula foi registrada em vídeos para a sua posterior análise. Todas as repetições receberam reforço imediato da pesquisadora, a média de repetições por participante foi de 185 em cada sessão.

A aprendizagem foi medida pelo número de repetições corretas e incorretas observadas durante a atuação dos adolescentes na coreografia, tanto qualitativamente quanto quantitativamente, foram utilizadas frequências absolutas para determinar a qualidade das repetições. Durante a análise das repetições, foram usados critérios para distinguir passos corretos de incorretos, o critério principal para que um passo fosse considerado incorreto ocorria quando o participante não era capaz de executar o passo inteiro, ou seja, quando não cruzavam a perna atrás (no passo 1 e 2), palmas no lado trocado (no passo 3), e não parar no meio da execução (no passo 4).

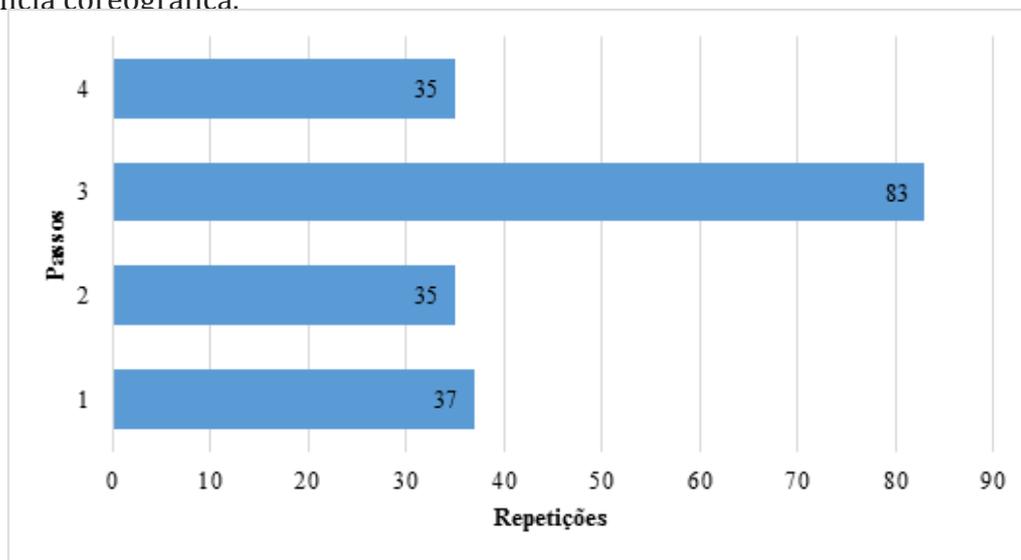
## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Participante 1, a princípio, não demonstrou muito interesse em aprender a seqüência coreográfica, provavelmente por essa razão demonstrou uma grande quantidade de erros, concretamente, 33% corretos e 67% incorretos. Foi possível perceber dificuldade na execução com e sem a professora, os resultados encontrados mostraram que esta precisou atuar como reforçadora em 93% das repetições realizadas. A Figura 1 mostra a quantidade exata de repetições realiza



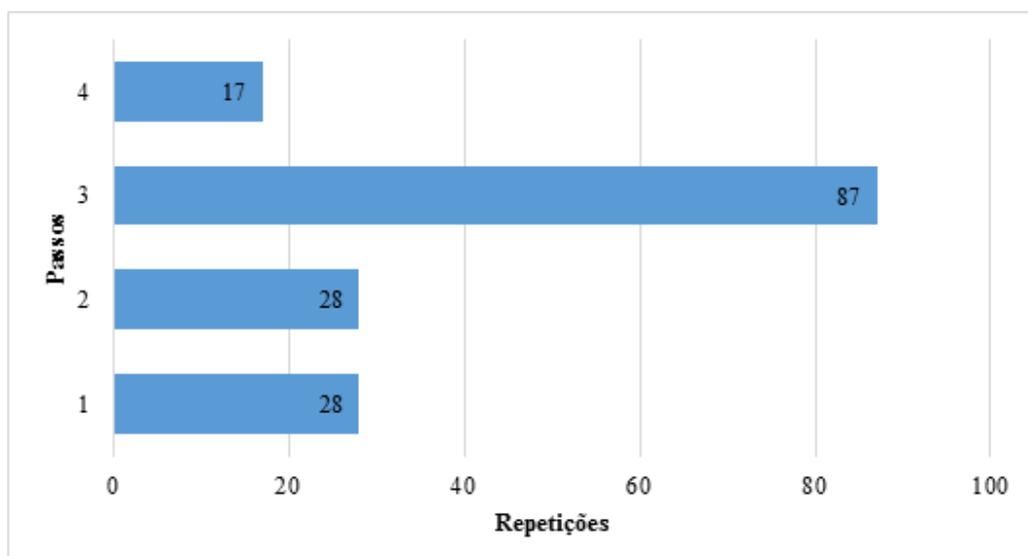
**Figura 1.** Quantidade de repetições realizadas em cada passo pelo Participante 1 ( $n= 204$ ). Fonte: dos autores.

A Participante 2 interagiu com a coreografia, sempre alegre e demonstrando interesse em aprender, os resultados mostraram que, apesar disso, ocorreram somente 37% de acertos e 63% de erros. Fato importante porque mesmo ao notar o esforço despendido, comparativamente ao primeiro caso, obteve-se uma quantidade maior de erros. A professora teve que atuar como reforçadora em 87% das repetições. Fato que parece indicar uma melhor aprendizagem sob a forma de imitação. A Figura 2 mostra a quantidade de repetições realizadas em cada passo da sequência coreográfica.



**Figura 2.** Quantidade de repetições realizadas em cada passo pelo Participante 2 ( $n= 190$ ). Fonte: dos autores.

A participante três era participativa, demonstrou interesse e concentrava-se mais no aprendizado do passo, motivo pelo qual apresentou resultados de aproveitamento alto, 96% de acertos e apenas 4% incorretos. Contudo, não conseguiu ter sucesso na realização da sequência coreográfica sem a professora, foi necessário que esta atuasse em 100% das repetições realizadas.



**Figura 3.** Quantidade de repetições realizadas em cada passo pelo Participante 3 ( $n= 160$ ). Fonte: dos autores.

Todos participantes apresentaram, em um encontro de menos de uma hora, resultados positivos de aprendizagem. A maior dificuldade encontrada, onde foi necessária uma quantidade maior de repetições, foi em relação aos passos que exigiam lateralidade.

## CONCLUSÕES

Este estudo teve como objetivo descrever a possibilidade de um portador de **Síndrome de Down aprender uma sequência coreográfica em apenas uma sessão**, e ainda, identificar quantas repetições eram necessárias para tanto. Os dados foram positivos, pois quanto mais repetições eram realizadas, mais aprendizagem ocorria. Considera-se o objetivo atingido e a hipótese do estudo confirmada.

**Além disso, foi identificado que** dificuldades relativas à aprendizagem da lateralidade estiveram presentes durante o processo de ensino, que o processo foi realizado de maneira mais lenta do que o normal, exigindo mais paciência da professora. Mas que independente dessa diferença, resultados ótimos parecem ser plausíveis de estabelecer para o processo de ensino. Que os reforços utilizados não eram diferentes daqueles aplicados em aulas de dança convencionais. E ainda, que a condição de imitação, onde a professora atuava como espelho para os participantes foi a mais efetiva.

Poucos estudos que relacionem a dança à síndrome de Down foram encontrados, acredita-se que estes resultados possam contribuir para ampliar este campo de conhecimento, e servir para um verdadeiro discurso de inclusão social, aquele centrado sobre a aprendizagem real dos envolvidos, que permita expandir novas estratégias e métodos de ensino. Tal qual é a dança em sua definição de adaptação ao meio em que se pratica.

## REFERENCIAS

BELTRAME, Thaís Silva; TREMEA, Viviam Santin; CEOLIN, Cláudio Roberto Zacarias; Dança e o Portador da Síndrome de Down. **Cinergis**, Santa Cruz, v.4, n.1, p 39-56, jan./jun. 2003.

KOWALSKI, Ellen M. Ritmo e Dança. In J. Winnick (Org.) **Educação Física e Esportes Adaptados**. São Paulo: Manole, 2004. p.393-405.

OLIVEIRA, Ivone Martins de; INTRA, Zinia Fraga. Quando o medo real impossibilita o jogo imaginário: a atividade lúdica e a criança com síndrome de down. **Revista Facevv**, Vila Velha, n.8, p. 91-105, jan./jun. 2012.

ROCA, Josep. **Introducció a la psicologia**. Lliceu Psicológic. Girona: EAP. 2006. 457 pp.

SOUZA, Geralnidio Nani de; ANDRADE, Edson Ribeiro de; SANTOS, Celby Rodrigues Vieira dos; NETO, Nilo Terra Arêas. A educação psicomotora como ferramenta auxiliar na inclusão social de crianças portadoras da síndrome de Down. **Perspectivas Online: biol. & saúde**, Campos dos Goytacazes, v. 4, n. 2, p. 20-27. 2012.

THOMPSON, Margaret; MCLNNES, Roderick; WILLARD, Huntingoton. **Genética Médica**. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2008.

VOLVODIC, Maria Antonieta M. A.; STORER, Márcia Regina de Souza. O desenvolvimento cognitivo das crianças com síndrome de Down á luz das relações familiares, **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 4, n.2, pp. 31-40. 2002.